

**Do caixão da pátria ao pelô do novo mundo:  
Duas performances-instalações *site-specific* numa trajetória nômade**

Marios Chatziprokopiou  
Doutorando em Artes Cênicas (intercâmbio Université Paris8-PPGAC/UFBA)  
Etnocologia. Jean-Marie Pradier, Armindo Biao.  
Artista de performance e Pesquisador

Resumo: Trata este texto de apresentar e contextualizar dois trabalhos de performance-instalação *site-specific*: "Qual coisa sua este país está matando?", realizado na Grécia (Thessaloniki e Atenas, Maio e Junho 2010), e "*Lembrança da Bahia*", realizado no Brasil (Salvador-Bahia, Setembro 2010). Apesar de separadas por fronteiras lingüísticas, estas duas obras em progresso são frutos da mesma trajetória nômade e de uma estética e postura comum. Este comum é um país conceitual, imaginário; entre terras, territórios, e tempos diferentes. Ambos os trabalhos visam a subverter as certezas da vida social, gerando vozes de reflexão, sobre a memória do passado e sobre o presente. Até que ponto seria possível transformar a vida através da performance, tendo em conta sua natureza precária e efêmera?

Palavras-chave: *performance-instalação, site-specific, tsolias, pelourinho.*

Neste texto trato de apresentar e contextualizar dois trabalhos meus de performance-instalação *site-specific* (KAYE: 2000). Um foi realizado na Grécia (Thessaloniki e Atenas) e o outro no Brasil (Salvador-Bahia). O primeiro aconteceu em um momento de profunda crise econômica e social na minha terra natal; crise que está obrigando muitas pessoas a migrarem. Alguns meses depois, realizei o segundo trabalho no Brasil, país que está me acolhendo atualmente; e que está conhecendo um desenvolvimento incontestável, embora violentamente desigual.

Apesar de separados por fronteiras lingüísticas e culturais, um mar e um oceano, essas duas obras em progresso são frutos da mesma trajetória nômade e de uma estética e postura comuns. Este comum é um país conceitual, imaginário, a terra dos "dangerous borders crosser(s)" (GOMEZ-PENA: 2000), a terra do *entre*: entre enunciação e tradução; entre língua materna e línguas latinas; entre a minha pátria balcânica, a capital francesa, e o novo mundo sul-americano; entre supostos centros e supostas periferias; entre territórios diversos como poesia, teoria e performance; entre presença e arqueologia; política e arte; arte-vida, vida e vida virtual.

Os dois trabalhos têm o formato da performance-instalação; eles partem da imagem fixa e do corpo como escultura viva. Ambos usam e geram textos, sejam eles poéticos ou teóricos, orais ou escritos, individuais ou coletivos, considerando a performance como teoria ou poesia em ação. Os dois são intervenções urbanas: penetram na vida social das cidades contemporâneas, como o *teatro invisível* de Augusto Boal, sem se separar dela, definidos *a priori* como "arte". Mesmo quando fazem parte de uma manifestação artística

mais ampla como um festival, o número dos espectadores convidados é muito mais restrito em relação ao dos transeuntes alheios. Ambas as obras visam à sua co-criação junto ao “espect-ator”. Ambos são *time* e *site specific*, tanto em termos de estrutura quanto em termos de momento histórico e de *lugar antropológico*, no sentido de Marc Augé (AUGÉ: 1992): carregado de memória. Ambos, enfim, inserem-se em monumentos de orgulho ou vergonha nacional e invertem símbolos: um *tsolias*<sup>1</sup> dentro de um caixão, na Grécia; um branco no tronco da dor, na Bahia.

Realizei “Qual coisa sua este país está matando?” em Maio e Junho 2010, uma vez em Atenas, na *Praça Sintagma*, na frente do Parlamento, e duas vezes em Thessaloniki, na *Torre Branca* e no Arco de Gallerius (esta segunda foi no contexto do *Thessaloniki Urban Festival 2010*). Estava na *persona* de um *tsolias* morto: vestido com meu uniforme nacional infantil e deitado dentro de um caixão-mala. Ao meu lado, encontravam-se as minhas oferendas: uma foto minha na idade de dez anos com o mesmo uniforme, livros infantis, fotos da família, prêmios da adolescência, um antigo cartão de identidade. O público podia ler a pergunta “Qual coisa sua este país está matando?” escrita no chão, e também textos explicativos que lhe convidavam a responder, com objeto, desenho ou nota escrita. A grande maioria das oferendas foi em texto. No meio de um círculo se encontrava um prato de *collyva*<sup>2</sup> e vinho da comunhão ortodoxa. Atrás do prato havia um *laptop* com a projeção de um vídeo mostrando um funeral indígena, acompanhado pela nota: “Choro importado: Índios Krahô. Brasil Central.”

Quando as folhas de papel começaram a me cobrir e antes do pôr do sol, levantei-me, tirei o uniforme e lhe deixei com os meus objetos no círculo. Pus as oferendas do público dentro do caixão-mala. Joguei *collyva* às minhas oferendas e aos espectadores. Rasguei e queimei meus objetos, joguei vinho e ofereci o resto dele ao público. Pintara meu rosto e minhas mãos com as cinzas. Ao final, com o caixão-mala, dirigia-me ao mar ou ao início da avenida e permanecia imóvel lá até a noite vir.

O que este país está matando nos seus habitantes? Cito aqui alguns fragmentos deste poema coletivo que as respostas geraram: “Os sonhos que estou fazendo aos meus 16 anos.” “Me está matando o fato de que meu irmão vai precisar partir ao exterior porque não existe futuro em um país onde a juventude não vai ter trabalho.” “Me está devorando os intestinos.” “Me matou a imaginação.” “Minha dignidade. Minha liberdade. Tudo!” “Crianças. que não vou ter.” “Minha dignidade/mata/meu orgulho nacional/nunca mais/jamais patriota.” “Volta fogo, volta fogo/nesse parlamento puto!” “A vida!!! Dimitra, 12 anos!”

A maioria dos transeuntes que se confrontaram a esse trabalho não o definiu a

---

<sup>1</sup> Heróis da revolução grega cujo uniforme, de origem albanesa, passou a ser símbolo nacional e é levado pelos “guardiões da nação”, que ficam imóveis na frente do parlamento e da moradia do Presidente da Republica.

<sup>2</sup> Comida que, na Grécia, se oferece aos mortos.

priori como “arte”, e considero esta ambigüidade desejável. Muitas pessoas chamaram meu ato de protesto, declarando que certamente eu seria um cifre a mais ao número crescente de jovens desempregados. Alguns viram um ato patriota denunciando a morte da Grécia e de seus heróis; pelo contrário, o sentimento nacionalista de outros ficou bem molestado. Algumas pessoas me felicitaram, outras me insultaram na cara, outras tiveram medo que na imagem final me afogaria no mar. Uma imigrante Búlgara, apesar de não ler o grego, lia facilmente os símbolos fúnebres ortodoxos e tentava animar os gregos: “Não percam a esperança! Tudo vai dar certo! A minha terra conheceu dias bem piores!”

Realizei “*Lembrança da Bahia*” em Setembro de 2010, como participante da Mostra Latino-americana de Performance, organizada pelo coletivo baiano OSSO. Vestido com roupa típica de *gringo* (calça curta, camisa com estampa “Lembrança da Bahia”, e fita do senhor do Bonfim na mão). Amarrado no pescoço por uma baiana negra e acompanhado por uma guia turística, fui conduzido pelas ruas do Pelourinho levando um cilindro de ferro, cuja associação com o “tronco da dor” era óbvia. Começamos na Praça Castro Alves, para parar seqüencialmente na Praça Municipal, Praça da Sé, Terreiro de Jesus, e Largo do Pelourinho. Quando parávamos, a baiana me amarrava no pelourinho e distribuía aos “espectadores” panfletos propagando este “espetáculo de memória”, lhes convidando a me chibatar com um chicote de couro. Eles encontravam, em baixo do Pelourinho, três textos que lhes informavam sobre o castigo público dos escravos e que apresentavam poeticamente o trabalho. Quando a baiana me desamarrou, queimei a fita do Bonfim e comecei a ler meu poema-lista de perguntas que, embora retóricas, foram extensas e pertinentemente respondidas pelos espectadores daquele momento, na maioria vendedores de rua. Ao final, construí com a minha roupa um turista – Judas –, o amarrei no Pelourinho, e ateei fogo.

A atitude dos meus “carrascos” variou. Tenho lembranças fragmentadas de algumas crianças bem violentas; de um moço que bateu forte para depois, sorridente, pedir desculpas; da falta de interesse da maioria dos turistas; do questionamento incessante dos nativos sobre “do que se trata”; de chibatadas teatrais e até cheias de humor; do carinho de duas pessoas que decidiram me desamarrear. Variaram também os comentários: “É o caminho do calvário;” “Veja este branco no tronco!” “Eu que sou negro, eu deveria estar lá!” “Chegou o turista de fora falar da Bahia!” “Vou te dar uma chibatada de verdade!!” “Bate forte! Bate forte! Essa é a nossa vez!!!” “Eu vou te liberar!” “Vamos desamarrear ele?”

“O dia que o lamento do preto fez o peito chorar...” assim começaram a cantar os capoeiristas do Terreiro de Jesus, junto com outras canções associadas à escravidão e ao tronco da dor, quando nosso cortejo parou em frente deles. Foi um acontecimento mágico: a minha ação provocou outra, completamente imprevista, e de força política e estética muito maior. Os capoeiristas interagiram diretamente com este escravo insólito, lhe

visando os olhos, e jogando em par numa diagonal, entre o tronco. Um deles deu um verdadeiro *one-man-show*, dançando e cantando: “Eu sou! Daquela raça! Do candomblé! Do maculelê! Do afoxé!” (...) “Eu sou negro e sou feliz...”

Por uma razão não explicitamente concebida *a priori*, todos os lugares onde me apresentei são impregnados por um peso histórico (e energético) catalisador. São, explícita ou implicitamente, carregados de *memória*. A coexistência dessa memória com o presente é definitiva para esses trabalhos *site-specific*. Eles surgem da textura dessa coexistência que, a meu ver, não é pacífica; é um conflito. Por razões e em dimensões bem diversas, a ideologia dominante nacional e/ou econômica desses lugares tenta apagar sua história, sua memória, seu passado inconveniente; passando o gesso asséptico da história oficial e/ou o verniz banalizante do turismo (DEBORD: 1992, p: 164). O que resulta é um coquetel hipnotizante (mais potencialmente explosivo) entre sangue e cartão postal, isso que Gomez-Peña eventualmente chamaria de “tourisme macabre”.

Que intento fazer com esses projetos? Além dos motivos pessoais (como me *localizar* nesta via nômade? como administrar as identidades que me impõem a cada passo?), meu objetivo mais amplo é subverter, mesmo de modo momentâneo e precário, as certezas da vida social, gerando vozes de reflexão sobre a memória do passado e sobre o presente. São essas vozes que fazem a “obra” existir e lhe dão sentido. São mais potentes quando ouvidas nesses lugares. Lugares silenciados pelo espetáculo generalizado, onde transitam diariamente milhares de indivíduos; cada vez mais solitários, mesmo se cada vez mais conectados virtualmente. Como reabitar esses lugares? Como ir contra a sua ideologia dominante, como criar uma antropologia inversa, improvisada por essas vozes do acaso? Até que ponto seria possível transformar a vida através da performance, tendo em conta sua natureza precária e efêmera?

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUGE, Marc. *NON-LIEUX. Introduction à une anthropologie de la surmodernité*. Seuil, Paris 1992.

DEBORD, Guy. *La société du spectacle*. Gallimard, Paris 1992.

GOMEZ-PEÑA, Guillermo. *Dangerous borders crossers*. London and New Yourk, Routledge 2000.

KAYE, Nick, *SITE-SPECIFIC ART, Performance, Place and Documentation*. London and New Yourk, Routledge 2000.